

A democracia portuguesa iguala-se, nos seus odiosos e infames processos repressivos, às piores autocracias

Estamos, diz-se, num país que, passando a reger-se por um regime democrático, deu um largo passo na senda da civilização. É natural que lá fora, onde o que por aqui se passa só tardiamente é conhecido, ecoem ainda as afirmações de que os actuais políticos precederam o actual estado de coisas e se suponha que Portugal atravessa um doirado período da sua história. Haverá quem fantaseie reformas importantes, amenisadoras da forma de tratar o povo, antevejo que a sociedade portuguesa em matéria de repressão aos delinquentes, ou de tal suspeitos, difira muito desses países despóticos, como a Hungria, a Bulgária, a Itália e outros, onde impera o mais feroz dos "terrores brancos".

Ilusão! Ilusão que afirmamos, por sentirmos a dura realidade. As autocracias e democracias contemporâneas equivalem-se e confundem-se no uso de processos repressivos. Em Portugal, onde em aurosos tempos se advogou a remodelação do sistema prisional e entrega dos delinquentes aos cuidados de psiquiatras, que desenvolveriam uma campanha científica contra as reconhecidas társ ancestrais, nada mudou, ou antes, tudo se agravou.

As leis ou regulamentos que delimitavam a prisão preventiva e a incomunicabilidade, foram calçados ou distendidos. Hoje com o maior despreendimento pela liberdade, vida e direitos alheios, mantêm-se presos sem culpa formada há quasi quatro meses! Incomunicabilidade por espaço de mais de dois meses!

E isto não é tudo. O terror verde-rubro arrogou-se o direito de revogar as leis que garantiam as imunidades corporais do cidadão, instituindo à margem dos códigos e com acção sumariíssima, a tortura e a pena de morte. Alta noite as esquadras policiais são abaladas pelos gemidos suplices das vítimas da selvageria policial que, barbaramente, lhes retalia as carnes a cavallo marinho.

Quando a cidade dorme, nas ruas, sem mais formalidades, ferinamente, abatem-se homens a tiro. Os governantes, modernos torquedados, fingem, num cinismo revoltante, desconhecer estas selvagerias e, por desfastio, ordenam inquéritos-burlas. Ao mesmo tempo que, de seu alvedrio, ordenam a tortura e a morte lenta, mandando para paragens tropicais muitos homens sem reconhecida culpa, uns que já mais virão, outros que a voltarão serão farrapos humanos incapazes de velarem pelas mulheres e filhos, cuja tortura e lágrimas não comovem os corações empedrenidos dos carrascos.

E é este o dilema dos políticos portugueses: ordem, ordem, e mais ordem, que se traduz em desordem aos espíritos. Que o país caminhe de vento em popa no mar proceloso da falência; que as indústrias agonizem por falta de matérias-primas, de iniciativas e de expansão; que meia dúzia de traficantes da alta banca tripudiem caprichosamente sobre o povo; que os políticos, ao serviço das nuances capitalistas, tenham o país a saque, nada disso importa. As atenções convergem em caudal para uma repressão sem tréguas aos que se arrojam a gritar o seu descontentamento.

O país é uma roça onde a polícia manda; e os governantes, curvados à soberana vontade desses carrascos do povo, tarde ou cedo, de tanto se curvarem, darão, por sua vez, a cabeça ao cutelo.

Delegação trabalhista á Rússia

LONDRES, 1. — Uma delegação parlamentar do partido trabalhista parte na quinta-feira para Moscova, numa visita de seis semanas, tendo em vista examinar as possibilidades comerciais anglo-russas.

A LUTA DE CLASSES

Continuam as greves dos marítimos ingleses e dos mineiros canadianos

LONDRES, 1. — Continua sem solução o movimento grevista das classes marítimas, recusando-se a maioria das tripulações que têm de sair para a mar a assinar o acordo de redução duma libra no salário mensal.

FILADELPHIA, 1. — Continua a greve dos mineiros de antracite que está causando extraordinários prejuízos à indústria.

TODOS DEVEM COMPARECER

NA CONFERÊNCIA QUE O DR. MÁRIO MONTEIRO HOJE REALIZA SOB O TEMA: "AINDA HA PENNA DE MORTE EM PORTUGAL"

É hoje que, pelas 21 horas, a convite da comissão pró presos da C. S. T. L., o dr. sr. Mário Monteiro realiza, na calçada do Combro, 38-A, 2.º, a sua anunciada conferência pública, sob o tema «Ainda há pena de morte em Portugal».

A esta conferência é necessário que compareçam todos quantos repudiem as odiosas deportações, ordenadas ilegalmente pelo governo Vitorino Guimarães, à sombra dum decreto para reprimir revoltos que alguns dos deportados combatem.

Não devem faltar as famílias dos deportados, todos os homens livres, juristas, legalistas, e quantos queiram que se demonstre que o povo de Lisboa deseja o imediato regresso à metrópole de todos os indivíduos iniquamente deportados, para seu breve julgamento, e que se acilare no mais curto prazo a situação dos operários presos em diversas esquadras, terminando-se com todas as arbitrariedades que criminosamente se mantêm desde o odioso governo Vitorino Guimarães.

Notas & Comentários

Uma boa resposta

O Mundo de ontem ripostava deste modo à repulsa proposta do sr. Barbosa Viana para serem deportados para a Guiné a fim de lá serem julgados os presos sociais que se encontram em Portugal:

«Uma das razões, supomos que a principal, que o sr. dr. Barbosa Viana dá para que se façam novas deportações de presos sem serem julgados é a de que os julgamentos se fazem de baixo de coação, pois que os jurados, ameaçados por meio de cartas, não se portam com aquela rectidão que lhes é exigida. É extraordinária a opinião do sr. dr. Barbosa Viana, de mais a mais sendo um juiz com que então, lá porque os jurados são cobardes e não sabem cumprir o seu dever de julgadores, salta-se por cima da lei e degradam-se homens, que podem mesmo estar inocentes? E porque não se deportam também esses jurados que não cumprem o seu dever?»

A Infallibilidade...

A propósito dum roubo praticado num dos comboios da linha do Algarve, insinuava ontem um jornal da manhã, com deduções muito hipotéticas, a hipótese de o mesmo roubo ter sido cometido por legionários vermelhos de cumplicidade com operários ferroviários.

Descortinam-se os intuitos da insinuação: sob uma hipótese, positivas prisões por suspeita e deportações em expectativa. E nós, supomos que o bestunho da polícia, quando afirmava serem apenas trinta os legionários, era infalível...

O que é certo é que os deportados sob a acusação de legionários estão perto de quarenta homens, e presos por suspeita, em vários in-passes, outros tantos.

Enfim, o «hábil chefe» Xavier lá se entende quando diz que a frente dos legionários estava alguém que andava a dois carrinhos...

As revoluções...

As revoluções em Portugal anunciam-se com a mesma facilidade que o «Borda de Água» uma quando anuncia chuva.

Sai o cidadão pacato, de sua casa, em passo de passeio, eis senão quando, regressa em acelerado... não sem estar sujeito a antes ser apalpaado, agredido e preso pelas inúmeras patrulhas de polícia que em tais emergências — de boato — tomam as embocaduras.

Ora, parece-nos que seria muito fácil desviar o sobressalto das revoluções: — Como todas elas são intra ou infra quartéis, bastaria pôr os regimentos a guardarem-se uns ou outros...

Ah! é verdade... e então o que fazia a polícia?...

Manobra reacçãoária

A Epoca vem publicando uns artigos da autoria do sr. A. de F. atacando o bolexismo. Nada mais fácil do que atacar o regime ditatorial que vigora presentemente na Rússia; basta apontar-lhe todos os defeitos de que enferma, que são os defeitos de todas as ditaduras. Simplesmente, não é uma reacção que tem autoridade moral para condenar outra reacção — embora vermelha. A habilidade do sr. A. de F. está, porém, em tentar convencer os operários que porventura o leiam de que as intenções dos revolucionários portugueses são as mesmas dos comunistas russos. O operário que, felizmente, tem seguido a nossa orientação e sabe como encaramos o actual regime russo, não se deixa envolver na intriga dos que desejariam ver restabelecida em Portugal a Santa Inquisição.

Publicação útil

O dr. sr. Mário Bonança, sobrinho do falecido republicano João Bonança, iniciou a publicação, em tomos, da «Enciclopédia de aplicações usuais» da autoria de seu tio. É útil esta publicação visto que trata dos mais variados assuntos, entre eles, História, Geografia, Estatística, Higiene, Desportos, Letras, etc. Como João Bonança foi dos republicanos que mais se interessou pelas classes operárias, em homenagem a essa tendência do seu espírito, o dr. sr. Mário Bonança comunicou-nos gentilmente que faria aos assinantes da Batalha que queiram assinar a referida «Enciclopédia» um desconto vantajoso.

Atropelo ministerial

Em Ermezinde, próximo do Pórtio, o comboio especial que trazia os senhores ministros da...

A escandalosa falência do Banco Popular Português revela claramente de que processos repugnantes se servem os banqueiros para viver, como parasitas, à custa do esforço alheio

As falências de casas bancárias têm sido, na sua maior parte, uma autentica burla. As casas bancárias suspendem pagamentos e arruinam-se totalmente. Vai-se na voragem da ruína a massa dos accionistas e a dos que acreditando nas mentirosas afirmações de prosperidade financeira lá depositam os seus capitais.

Há, contudo, umas criaturas que nessa bancarrota geral não perdem um centavo e ficam com os seus capitais salvos: são os dirigentes, os banqueiros. São sempre as especulações dos banqueiros quem deita essas casas abaixo; são, portanto, eles os culpados dessas falências. E são os outros quem paga os seus erros, o seu furor de especulação, as suas ambições insofridas.

A falência do Banco Popular Português que tinha sede no Pórtio e possuía uma sucursal em Lisboa assumiu todo o aspecto duma burla. A confirmação disso tivemos-la pelo Diário do Governo de ontem que publicava o relatório da sindicância que o Estado, por intermédio da Inspeção do Comércio Bancário, lhe moveu. Passamos a transcrever as conclusões desse relatório que são bem significativas:

1.º. Que os relatórios e balanços apresentados à assembleia geral do Banco Popular Português e por ela aprovados, referentes aos exercícios de 1923 a 1924 são falsos, não representando a situação exacta do Banco na data a que se referem.

2.º. Que se consideraram nos referidos balanços, como valores activos, prejuízos reais, que propositadamente se ocultaram, dando-se a impressão da existência de um activo superior ao verdadeiro, chegando-se ao abuso de, no balanço referente ao exercício de 1923, se aumentar ficticiamente, o activo...

UMA SCENA EMOCIONANTE DO TERROR BRANCO NA BULGARIA

Um homem chicoteado por negar e uma rapariga brutalizada sem dó nem consciência

O secretário geral da Liga Românica dos Direitos do Homem, acaba de publicar uma brochura intitulada: «Documentos da sala de torturas», contendo o testemunho dum série de prisioneiros políticos martirizados nas prisões de Bratiano.

É impossível que um ente humano ao ler estas descrições não sinta em si próprio uma indignação e uma revolta surda que as palavras não podem descrever.

Interrogatório á chicotada

Eis, ao acaso, entre as 70 declarações assinadas pelas vítimas, uma carta, escrita por uma rapariga:

«Fui presa, sem que me tivessem dado qualquer explicação sobre esta violência e conservaram-me durante onze dias na «Siguranza». A partir do primeiro dia, alguns comissários vieram interrogar-me sobre uma série de pessoas e de factos que eu ignorava completamente. De tempos a tempos o chefe dos comissários vinha insultar-me e injuriar-me. Como lhe tivesse notado que nada me obrigaria a submeter-me a interrogatórios não previstos pela lei, respondeu-me que eu não era um ser humano, mas sim uma prisioneira.

Uma noite, quando eu já estava adormecida, o comissário Georzenen veio à minha cela e chamou-me para ir à presença do chefe.

Durante o caminho, insultou-me e bateu-me continuamente, sob o pretexto de que eu andava muito devagar. Quando entrei na sala da audiência, deparei com um espectáculo horrível. O inspector Vladimirev estava sentado numa cadeira com um chicote de cinco rabos na mão. Junto dele, pálido e todo trémulo, encontrava-se a camarada Vazile Dodan olhando fixamente para o chicote e como que hipnotizada.

Banculescu e tres comissários também estavam presentes. O inspector Vladimirev estava interrogando o camarada Dodan, ameaçando-o a cada momento de continuar a zuri-lo se ele respondesse não.

Vladimirev procedeu em seguida ao meu interrogatório. Como as minhas respostas não lhe tivessem dado ocasião para me bater, pensou um bocado, depois ergueu-se e disse: «Tu também vais provar o meu chicote» e começou a fustigar-me desalmadamente.

Pouco depois esbofeteei-me repetidas vezes, acompanhando cada brutalidade dum insulto grosseiro, como: prostituta, cadeira, etc.

Em seguida o comissário Georzenen levou-me para fora da sala da audiência. Mal chegámos cá fora começou a puxar-me pelos cabelos e a bater-me com a cabeça nas paredes. Lançada para a minha cela, tive uma síncope que durou duas horas.

Que bela que é a justiça burguesa!

"Raio" aéreo Paris-New-York

PARIS, 1. — Os capitães Tarascon e Coli realizaram ontem um voo Paris-Bordeaux, experimentando o aparelho em que tencionam realizar a tentativa do voo directo Paris-New-York.

tro da pândega de Chaves deu um piparote num automóvel que o deixou sem concerto. Do piparote do comboio ministerial resultou a morte duma pessoa e o ferimento grave de mais duas. Confirma-se mais uma vez que os atropelos dos ministros são quasi sempre fatais...

activo (e se reduzir ficticiamente o passivo, com verbas representando prejuízos efectivos para melhor dissimular a fraude.

3.º. Que o acto praticado representa uma verdadeira burla, com o objectivo provado de mostrar como desafogada a situação do Banco Popular Português, que no fim do exercício de 1924 se encontrava em comprovado estado de falência, com o capital dos accionistas completamente perdido, mas aos quais ainda se distribuiu um dividendo fictício de 12\$00, à custa dos credores do Banco, sendo assim burlados todos aqueles que confiando nele lhe entregaram, em face dessa aparente situação, os seus capitais.

4.º. Que o acto praticado corresponde ao crime de burla e por ele são responsáveis, o conselho de administração do Banco Popular Português, constituído pelos cidadãos:

Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon (conde de Azevedo), José Maria Soares Vieira, Bastião Ferreira de Macedo, Manuel Maria de Araújo Rangel Pamplona e António Eduardo Ferreira Barbosa Júnior — e o conselho fiscal, constituído pelos cidadãos: José Barbosa Ribeiro, Alberto Júlio Pinto Vilela e Joaquim do Vale Cabral, bem como o guarda-livros, António Saavedra, a quem deve ser instaurado o respectivo processo e exigida a competente responsabilidade civil e criminal.

Os banqueiros já foram presos no Pórtio. O pano já desceu sobre o primeiro acto, dando aos incautos a impressão de que estes burlões que gosam duma situação privilegiada, que moram em casas esplendidas senão em palácios, que possuem automóveis vão ser castigados com o rigor em-

Iniciou-se ontem o julgamento dos indivíduos implicados na revolução de 18 de Abril, tendo-se feito a chamada de 300 testemunhas

Conforme noticiámos iniciou-se ontem, na sala do Risco do Arsenal de Marinha, o julgamento dos militares e civis implicados no movimento de 18 de Abril.

Como era de esperar grande número de curiosos encheu a vasta sala, ouvindo-se um constante ruído de vozes e arrastar de cadeiras.

A's 10 horas chegou ao tribunal a força da G. N. R., composta de 90 praças, sob o comando do capitão Ferrão, e tendo como subalternos os tenentes Couceiro Feio e Nuno Ribeiro, que montou o serviço de vigilância. Pela vasta sala passeavam as sentinelas.

Respondem neste processo, que conta cadernos e cadernos de almaço grande, sessenta e seis oficiais, cinquenta e oito sargentos e quarenta e um civis. São, ao todo, cento e sessenta e quatro reus, contra e a favor dos quais deporão mais de trezentas testemunhas e que serão defendidos pelo major sr. João Tamagnini de Sousa Barbosa, o capitão Cunha Leal e o defensor officioso.

A's 12,40, chega o general-presidente — general reformado sr. Alberto Mimoso de Castro Ilharco.

A's 12,45 é declarada aberta a audiência. O juiz auditor dr. sr. Almeida Ribeiro, ocupa, na presidência da tribuna, a esquerda do general presidente.

A esquerda da mesa central, está o júri — seis generais, que respondem à chamada, bem como o membro suplente, general Sousa Dias.

E' uma inundação de generais...

Depois começa a chamada aos reus que só termina depois das 13,30 horas.

Dos acusados faltarão: tenente Neves e Castro e o 2.º sargento Pedro Martins, por terem falecido, e o civil António Pessoa, António Balbino, Almeida Figueiredo, João Maria da Costa, José Moreira da Silva e Manuel de Araújo Gonçalves. Também deixaram de comparecer várias testemunhas, tanto de acusação como de defesa, entre as quais os srs. Vitorino Guimarães, Agatão Lança e António Maria da Silva.

Durante a chamada das testemunhas, o tenente António Arsenio da Rosa Bastos pede ao presidente o facho ouvir como reu visto ter estado na Rotunda juntamente com os seus camaradas ali presentes. Entende que o seu lugar é, portanto, no banco dos reus, o que o sr. presidente determina, depois de ouvido o sr. general Carmona.

Pelos defensores escolhidos foi apresentada uma extensa contestação que conclue nas seguintes alegações:

1.º. — Quanto aos seus constituintes oficiais do exercito e da armada:

1.º. — Que todos assumem as responsabilidades dos actos praticados conforme consta das suas respectivas declarações que dão como reproduzidas;

2.º. — Que esses actos de modo algum podem considerar-se incursos nas disposições da lei de 30 de Abril de 1912 referida no libelo;

3.º. — Que, quando assim se não entenda a favor dos mesmos milita a circunstancia de terem procedido sem intenção criminosa e sem culpa, porquanto as suas intenções foram eminentemente patrióticas e dignificantes para o regime;

4.º. — Que, de um modo geral lhes devem aproveitar as atenuantes que resultarem da discussão da causa;

II — Quanto aos seus constituintes sargentos do exercito:

1.º. — Que todos estão ao abrigo da circunstancia de terem a obediencia legalmente devida aos seus superiores legítimos;

pregado pelos tribunais quando diante d'elles comparece um pobretão, que, coagido pela fome, praticou um roubo insignificante, mesmo irrisório.

Devemos dizer que não temos a convicção de que os banqueiros burlões venham a ser atingidos pelos rigores do Código Penal. Há o hábito de pretenderem lançar sobre a opinião pública a clássica nuvem de poeira, praticando quando uma destas importantíssimas burlas se praticam, um gesto teatral. A prisão imediata dos banqueiros não passou dum truiz.

Dentro em breve, a qualquer pretexto, já estarão em liberdade, pois ser-lhes há admitida fiança. Isto de prender banqueiros, nesta época em que os processos usados por eles em pouco diferem dos esboços é já um caso vulgar. E até hoje ainda não nos recorda de um caso, um único caso, em que as prisões dos banqueiros fôsem mantidas. Quanto ao julgamento e condenação de banqueiros devemos também confessar, por ser verdade, que até hoje nenhum foi julgado e condenado.

Todos ainda se lembram da famosíssima burla dos 20 milhões de dollars. Provou-se que isso era uma burla famosa e todos os implicados que chegaram a ser presos, foram postos em liberdade dentro dos 8 dias. Alguns como o seu famoso negociador Afonso Costa nunca chegaram a ser presos! Conclusão: a burla dos 20 milhões de dollars ficou impune, como impunes têm ficado todas as burlas praticadas por argentinários e banqueiros.

As prisões sem culpa formada, as perseguições e as deportações são só para as vítimas dos grandes especuladores e das grandes especulações.

A guerra de Marrocos

O governo francês vai conhecer a situação

PARIS, 1. — O sr. Painlevé recebeu hoje o marechal Lyauté que lhe expôs largamente a situação de Marrocos.

O chefe do governo marcou conselho de ministros para a próxima quinta-feira a fim de dar conhecimento aos seus colegas da exposição do marechal.

Parece que este demorará a pedido do sr. Painlevé uns 15 dias a fim de poder regressar á Marrocos com plenos poderes para qualquer emergência.

A ofensiva franco-espanhola

PARIS, 1. — Realizou-se próximo de Fez um grande conselho de guerra em que tomaram parte generais franceses e espanhóis.

Nele ficou assente o plano definitivo para a ofensiva franco-espanhola.

Os rifenhos mantêm uma grande actividade

FEZ, 1. — O inimigo mostrou-se muito activo em todo o conjunto da linha de batalha.

No sector leste, os rifenhos mantêm junto de si várias fracções das tribus ainda não submissas.

Importantes ataques das tropas espanholas no sector de Melilla produziram fortes baixas nos rebeldes.

Abd-el-Krim parece disposto a assumir pessoalmente o comando dos rifenhos que combatem contra os rifenhos.

INSTRUÇÃO

Aulas de francês

As do sindicato dos Operários Alfaiates entraram no período de férias reabrindo no dia 8 de Outubro.

Palavras expressivas de um velho escravo da "se-nhora" Companhia. O entusiasmo pela nossa campanha

Fomos hoje dar um passeio a uma das dependências da Companhia, sem, contudo, invadir o recinto donde um dos assalariados nos podia pôr fora, seguindo muito naturalmente as ordens recebidas. E, pé na soleira da porta de uma vasta arrecadação de ferro, trocámos duas ou três frases com um velhote que costumamos ver passar de manhã e à noite, para o serviço (?) arrastando penosamente a calceta dos seus quasi 60 anos de trabalho, ao serviço da Senhora Companhia.

— Há muitos anos que está nesta casa?
— Há muitos! Pela cheia grande já eu c'estava há que tempos.
— Então veio para cá de pequeno...
— Teria os meus 14 ou 15 anos.
— E em que se empregou de princípio, quando era mais novo?
— Em tudo. Trabalhei no campo, nas eiras, nas lavours, fui mateiro, carvoeiro, valador... tudo. Era o que calhava; fazia o que me mandavam... tinha eu então força como um bezerro... Agora...
— Mas, depois de 50 e tal anos de aturada esforço em benefício da Companhia deve ter um salário razoável...
— Um míserio! Calcule que, com tudo pela hora da morte, dão-me por dia 6\$50!
— Mas isso é pouquíssimo. São apenas 180\$00 por mês, ou coisa que o valha que lhe não devem permitir um passado muito confortável.

— Passado? E' o pássio, as batatas, o feijãozinho com um golpe de azeite... Nunca passei tão mal como agora; mas que fazer, se nunca conheci outra casa e agora mal posso com os sapatos. E sabe o senhor? A verba mais importante para mim é a do calçado; como ando a rojar os pés...
— Mas alguém o manda trabalhar, nessa idade e trópego como se encontra?
— Mandar... valia bem a pena mandarem-me. Eu até há dias é que rachava a lenha para os senhores empregados; mas agora nem isso posso fazer. Não posso com a serra. Não tenho força para nada. Nas horas vagas vou fazendo umas esteirinhas que vendo para me ir suprido visto que o que ganho não chega a nada. E graças ao céu se eles não conservarem até eu morrer!

E lá deixamos o pobre condenado num espaço de 7 ou 8 metros quadrados, tendo ainda na sua frente o banco de três orleiras em que ele ainda tenta serrotar uns ramos de pinho para o fogão dos senhores empregados.

Ao lado ao portão, está muito imponente, de esporas nos sapatos de prateira, cado à axila, chapa prateada pendente da jaqueta, um outro empregado antigo da Companhia que para ali entrou há muitos anos.

— Quantos?
— Isso... não posso eu dizer. Tinha só 11 anos quando aqui me empreguei.

É um homem válido, a pesar-da da idade avançada. Vê-se que tem passado parte da vida a cavalo. Sempre é melhor do que andar a pé. Tem 9\$00 por dia, criou uma casa de filhos e não sabe o que é um folgado, uma diversão, uma romaria. Tournada viu algumas; e feras e tentas, divertimentos de cá.

Já foi a Vila Franca e a Lisboa. A sua vida, quasi sempre como guarda da Companhia, não foi das mais massacradas de trabalho; mas a respeito de lucros... se não fossem algumas searitas que se vão fazendo nos terrenos que nos dispensam, era um inferno. Pouco trabalho e pouco dinheiro, porque eles entendem que corpo delgado aguenta muita fome.

Quizemos obter mais informações; mas parecemos-nos ler no rosto do velhote uma tal ou qual desconfiança sobre os motivos da nossa visita. E, como não era forçada a reportagem, guardámos a vontade para melhor ocasião... melhor informador.

Como pormenor interessante, devemos informar que o masso de Batalha, devidamente numerados, já hoje nos foram pedidos por várias pessoas que as vão ler perante grupos de trabalhadores interessados na nossa justa campanha, e entre os postulantes figurava a mulher de um guarda da Companhia que queria levar os jornais ao marido, mas só os trazia daqui a dois ou três dias.

Não lho emprestámos porque estão constantemente a ser precisas.

Em Salvaterra e em Benavente é lida a Batalha com um grande interesse, segundo nos informa pessoa insuspeita.

Em Vila Franca de Xira também o jornal que trata da questão de Samora Correia, como eles dizem, anda de mão em mão e é lido com avidez pelos muitos trabalhadores da companhia.

Várias pessoas de Samora têm recebido a Batalha, particularmente, por intermédio de amigos e conhecidos que residem em Lisboa, o que prova que da parte de todos há o máximo interesse em que os trabalhadores de Samora se associem quanto antes, para que, unidos e fortes, terminem de vez com a escravatura a que voluntariamente se vão entregando desde a mais tenra idade.

Passou há pouco por nós mais uma vítima da senhora companhia.

É o antigo continuo do escritório da companhia e criado privado do administrador da mesma.

Um dia, por qualquer razão de pequena monta, talvez uma pinguia a mais, foi despedido do seu lugar de continuo.

Sem o hábito do trabalho braçal, vendendo-se sem o seu habitual salário com que se sustentava a si e a sua mãe viúva, julgou-se numa situação desgraçada.

Meteu empenhos, implorou, rogou, e cremos que chegou a regar de lágrimas as suas diligências para que lhe dessem, ao menos, um lugar de guardador lá para a charneca, que é como quem diz lá para o sertão.

Nada conseguiu. Havia ordens terminantes para se lhe não dar trabalho!

Foi à Samorense, cujo progenitor, o padre da freguesia, cheio de união religiosa, fervor católico e espírito evangélico...

POLÍCIAS DEGENERADOS QUE INSULTAM E ENXOVALHAM MULHERES DE PRESOS!

Dos presos sociais do calabouço n.º 6 do Governo Civil recebemos a seguinte carta que passamos a publicar:

Camarada redactor:—Raro é o dia que se não dá qualquer incidente com os civis que, armados de carabina, vêm assistir às visitas ou com os que fazem o serviço de vigilância por turno de 4 horas.

Ignoramos as ordens que lhe são dadas pelos seus superiores. Mas, quere-nos parecer que elas não são de molde a recomendar provocações insistentes aos que aqui se encontram presos sem culpa formada e que têm sabido manter-se com a maior correcção.

A pesar-dessa nossa atitude somos continuamente insultados e vexados pelas polícias. Esta manhã o guarda 270 da 7.ª esquadra quando a companheira de José Marques Teixeira estava despidendo-se perto das grades do calabouço, empurrou-a brutalmente e chegou a pôr-lhe as mãos nos seios. O referido guarda cometeu as mesmas ignóbeis violências para com as companheiras dos outros presos, chegando uma delas a ser acometida dum ataque.

Tal é a maneira cobarde, repugnante e cruel como são tratadas as nossas companheiras que nada têm que ver com as acusações que nos movem ou com os pretextos de que servem para nos meter nestes sórdidos calabouços.

Já reclamamos contra estas violências ao sr. Edgar Cardoso pedindo-lhe que faça sentir aos guardas que não somos animais ferozes e que lhes ordenem que se queixem quando algum preso os insulta, o que não se tem dado.

Para martirio já deve ser considerado suficiente os horrores dum prisão imerecida. Parece-nos que é demasiado insultar-nos e enxovalhar as nossas companheiras. —Os presos sociais do calabouço 6.

Continua-se vivendo em pleno sadismo. Os insultos aos presos revelam uma cobardeza infinita. Só criaturas desprovidas de toda a espécie de dignidade têm estas atitudes.

Os enxovalhos às mulheres dos presos constituem um facto mais grave. Só o furor besta, só o mais perverso dos degenerados osa agravar uma mulher, quando ela vai numa solidariedade tocante, numa ternura digna de todo o respeito levar ao seu companheiro, com a alimentação a afirmação de que está ao seu lado amparando-o, indelicadamente aos motivos porque o encarcerar e inocente, visto que nada tem que ver com os delitos reais ou fantasiosos de que é acusado. É preciso que dentro dum coração existam degenerados, é preciso que debaixo dum farda de polícia pulse o coração dum assassino, para se ousar insultar e enxovalhar quem está acima de todas as paixões e conflitos e deve merecer o respeito de todos.

Cinquenta e cinco vítimas das futuras guerras

ROMA, 1.—Reina grande ansiedade pela sorte do submarino «Sebastiano Veniero», que desapareceu durante as recentes manobras da esquadra italiana entre os cabos Passero e Murro.

Há três dias que aeroplanos, destroyers e submarinos o procuram noite e dia, sem o mais leve traço indicativo da sorte do submersível e dos seus 55 homens de tripulação.

O ministério da Marinha mantém ainda toda a esperança de que o «Sebastiano Veniero» seja encontrado.

Jogo perdido

Procurou-nos Mannel Lopes Martins, operário corticeiro, que a crise obrigou a lançar mão da venda de jogo da lotaria, a referir-nos que ontem, próximo do arrabal da Atalaia, perdeu uma carteira com aproximadamente 1500 em dinheiro e algum jogo já premiado na importância de mais de 400 escudos e outro que prefaz um total de 100 e tal escudos.

Tendo-se dirigido à «Santa Casa» a pedir que sustassem o pagamento do referido jogo que tem os n.ºs 2983, 1233, 2318, 8424, 1768, 212 e 7566, ali se recusaram a satisfazê-lo, pelo que pede à pessoa que tenha achado a carteira, o favor de lhe entregar na Associação dos Corticeiros de Aldega-leja ou no largo das Olarias, 25-A.

Da carteira, constava também a sua caderneta associativa.

Encarregado agressor

Convidamos o operário João Rodrigues Pinho nos trouxe a queixa com esta epigrafe publicamos a vir à nossa redacção, hoje, às 19 horas, a fim de nos prestar um esclarecimento.

ESPERANTO

«Nova Voz». (Sociedade Esperantista Operária).—Reúne hoje, às 21 horas, a nova comissão administrativa.

Sociedades de recreio

Sociedade F. Esperança e Harmonia.—Realiza várias festas durante os meses de Setembro, Outubro e Novembro, sendo a primeira no sábado, às 21 horas, com uma recita.

Club Recreativo Lisbonense.—A festa de homenagem a Augusto Campos Ferreira, que devia efectuar-se em 30 do mês passado, não tendo sido possível realizá-la na data anunciada fica transferida para quando se anunciar.

AGREMIACÕES VARIAS

Grémio dos Funcionários do Município.—Reúne-se a assembleia geral hoje, às 20 horas, para apreciar o relatório e contas da gerência de 1924 e a Organização de Serviços de 1923.

prometeu trabalho, e trabalho leve, moderado, que lhe não tornasse muito penosa a transição do escritório para a enxada. Mas, dias depois, porque soube que o pobre homem havia sido despedido pelo seu amigo e sócio Carlos Vinagre, negou a sua palavra com o maior cinismo e não o quiz empregar; mas ele sempre arranjará serviço. Longe é verdade, daqui a umas 4 léguas, mas não o renderam pela fome.

São assim estes tartufos. Brincam com o fogo com a mesma facilidade com que se joga uma péla de borraicha.

Mas esperemos, que atrás de tempo tempo vem.

Ferreira FRAZÃO

PERSEGUIÇÕES

O ódio da Moagem

Há 15 dias que se encontra preso o manipulador de pão José Marques Teixeira, criatura de boa índole e que nenhum delito cometeu. Porque se encontra ele preso?

Em resposta a esta interrogação diremos que o celeberrimo xefe Xavier aparece frequentemente vezes pelos escritórios da Companhia Nacional de Alimentação. Que irá lá fazer o grande Sherlock ali das alforjas do governo civil? Irá lá só para ver os srs. Ermete Pires e Bogalho Pinto, director da Moagem?

O que é facto é a policia encarnar-se sobremaneira com os manipuladores de pão, pois que além de prender injustamente componentes desta classe; espanca-os bárbaramente nas esquadras.

A Moagem sabe gastar ao serviço dos seus rancorosos ódios uma parte do dinheiro que rouba aos consumidores e ao seu pessoal. E talvez esta a razão porque José Marques de Azevedo se encontra preso há 15 dias.

Ferrovários do Sul e Sueste

Numa assembleia de ferroviários do Sul e Sueste realizada em Faro, foi aprovada uma moção protestando contra as deportações sem julgamento e contra os assassinatos de operários cometidos pela policia.

Foi também aprovado, nessa reunião, enviar ao presidente do ministério um telegrama reclamando o immediato regresso dos deportados.

Uma oração que nos livra da morte repentina e nos priva do juízo

Mão amiga envia-nos uma preciosa oração, escrita numa linguagem estranha, celestial, enviada «a um servo de Jesus Cristo, estando a dizer missa numa ermida», segundo esclarece o papelucho.

Diz-se nessa piedosa missiva: «eu vos tive destruído e estendido no inferno por causa das vossas culpas... eu eu vos destruí com fome, guerra e dores de coração sobre vós há-de vir». Eis, caros leitores, uma toada mais harmoniosa que o canto dum sereno, que provavelmente também ainda não tinham descoberto a gramática como o autor da carta, porque é uma «carta por mão a Nosso Senhor Jesus Cristo», diz-se no começo da reza.

Mas não se detém por ali a bondosa alma que redigiu tão cristã oração. Mais adiante diz-se: «aviso segunda vez toda a pessoa que disser que esta carta foi inventada por homem, será amaldiçoada e toda a sua família, todos serão derretidos como o sal na água».

Estamos tentados a dizer que se trata de uma carta inventada por mulher. Talvez nos castigassem derretendo-nos em vinho.

Para fechar com chave de ouro, pranta «Ele» no fim da carta: «Quem trouxer consigo esta minha carta eu o livrarei da morte, juízo, inferno, paraíso para vos defender de todo o inferno de pecado o que esta carta manda».

E' claro que já não largamos a carta. Vamos mandar cosê-la ao fôrro do colete, para nos termos livres daquelas cousas todas, embora não percebamos lá muito bem porque é que o tiozinho nos quer privar do juízo e do paraíso.

Enfim, a carta em que se espadana essa preciosa série de caridosos conselhos—e que é datada do Espadanal, 5 de Agosto de 1882—termina desta forma eloquente: «Ave na cruz significa o meu anjo i alcanço do domine Sangne meu. Senhor Jesus Cristo salva-me».

Não percebemos lá muito bem.

Elucida-nos aqui um amigo que aquilo é latim bárbaro, mas outra pessoa nos diz que é latim bárbaramente maltratado. Não sabemos por qual das opiniões nos hemos de decidir.

Ferido com um tiro veio a falecer no hospital um funcionário do Ministério da Guerra

Na 3.ª Repartição da Direcção Geral dos Serviços Administrativos, no Ministério da Guerra, ontem pelas 15.30 horas, foi ouvida uma detonação. Acorrendo vários oficiais que ali prestam serviço, foram encontrar numa das dependências, o tenente do Secretariado Militar, Luis de Assunção Carvalho, Massano, de 37 anos, natural de Tomar, ferido com um tiro no lado direito do peito. Transportado immediatamente no automóvel do ministro da Guerra ao Hospital de São José, foi ali observado pelo dr. Fernando de Lacerda, que verificou ter a bala atingido o coração. A Cruz Vermelha mandou imediatamente ao Hospital um auto maca a fim de transportar o ferido para casa se o seu estado assim o permitisse, mas infelizmente não foi necessário pois que o ferido faleceu no Banco pouco tempo depois de ali ter dado entrada.

Ignora-se se se trata de um suicídio ou de um assassinato.

O cadáver foi removido para a casa mortuária do Hospital de São José.

SOLIDARIEDADE

Pró-mãe de Manuel Ramos

A comissão de auxilio à mãe de Manuel Ramos pede, a quem ficou com bilhetes do espectáculo, o favor de ir prestar contas à secção dos pedreiros do S. U. C. Civil, hoje, às 21 horas.

EDEN TEATRO

Telef. N. 3800

SEXTA-FEIRA — INAUGURAÇÃO

dos espectáculos em sessões

às 8 3/4 e 10 3/4

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

da revista em 2 actos

e 12 quadros

Frei Tomás ou O Mistério

DA

Rua Saraiva de Carvalho

da autoria de Eduardo Fernandes

(Escalápio) e Carlos Ferreira,

música de Alves Coelho

e Raúl Ferrão

Direcção artistica de Henrique Santana

A situação em Espanha

Por EUSEBIO CARBÓ

De país para país fala-se na situação política interna e externa da Espanha. Só no próprio país ela decorre em silêncio. E de facto, porque aqueles jornais, que poderiam dizer a verdade nua, estão pelo menos no regime da censura, se não estiverem inteiramente suprimidos.

No estrangeiro desconhece-se porisso quasi sem excepção as causas internas da situação presente.

Os últimos acontecimentos, que representam um ataque ao operariado organizado com o auxilio dos militares, são as consequências dum longo periodo de perseguições ferozes de parte dos reaccionários de todos os matizes.

Estes precedentes devem ser examinados, ainda que os resultados deste exame possam parecer insuficientes aos «não espanhóis».

As potências reaccionárias de Espanha podem-se apenas hoje apoiar na força organizada. Elas prevêm na verdade, que dia a dia as bases do seu sistema se vão cada vez minando mais, todavia esperam sempre a salvação do capitalismo ferido de morte por meio do poder do estado.

Para evitarmos mal entendidos, faremos a nossa exposição dum forma facilmente compreensível, baseando-nos rigorosamente sobre a verdade. Aquella surpresa do poder militar força-nos a deitar um olhar retrospectivo sobre a vida passada deste país. Orientando-nos pelo serviços de informação dos jornais espanhóis, vemos que esta foi má em todos os tempos.

Este facto manifesto leva-nos a apreciar criticamente as condições em que se encontrava a vida económica da Espanha durante a guerra mundial, e então a estabelecer, como se formaram, e difundir as organizações operárias, e qual a acção que elas desenvolveram durante a guerra europeia no interesse do proletariado revolucionário.

O povo e a terra de Espanha vivem mergulhados na mais profunda miséria há centenas de séculos.

Todavia, a sua inteligência e as riquezas do seu solo podiam fazer dela a terra mais feliz do mundo.

As condições maravilhosas das terras, que em diversas legiões, como no Levante e na Andaluzia tornam possível quatro colheitas por ano, produzem inumeráveis espécies de legumes, de arvoredos de fruta e outras plantas.

A agricultura colectiva podia aqui desenvolver-se em pouco tempo pelo trabalho racional, —um privilégio, que não é de resto compartilhado por muitos outros países. E contudo há extensões de terreno incultas, provincias inteiras por aproveitar. Há zonas, onde falta a irrigação artificial, e que porisso tem a aridez do deserto, nada produzindo.

A maior parte de Aragón vai-se arruinando em consequência daquela seca. A pesar-dê também aqui existir a possibilidade desta provincia se tornar produtiva. Com menos despesas de forças e de dinheiro do que se gasta durante três meses na impopular, absurda e sangrenta aventura de Marruecos. Imensas massas de água do Ebro podiam ser aproveitadas para canalizações, sem que a força das águas no leito do Ebro fosse de qualquer forma prejudicada.

Dêste modo transformar-se-iam aquelas regiões desertas em campos floridos, sortideiros, magníficos e frutíferos.

Mas ninguém exige a cultura do solo, ninguém pensa mesmo nisso, abandona-se os despretados e incultos terrenos aos proprietários e capitalistas que dêles dispõem com o auxilio dos incompetentes homens do governo.

Por tudo, a Espanha poderia ser o país mais florescente e encantador, cujas superabundantes colheitas seriam mais do que suficientes para satisfazer as necessidades da sua própria população. Vinho, azeite, forragens, legumes, cereais, madeiras, cobre e ferro, e muitos outros produtos que esperam uma exploração racional.

Mas vive-se antes na rotina da dependência servil do capitalismo dos outros países, quando a bella Espanha por meio dos cérebros e dos braços diligentes das suas massas operárias organizadas podia ser pela sua fertilidade um dos melhores países da Europa.

As vítimas desta miserável situação são os trabalhadores espanhóis. Aquellas riquezas naturais da Espanha ainda são aumentadas com os fabulosos valores em ardósias, prata, mármore, chumbo e mercúrio, que se extraem do solo espanhol.

Provincias, inteiras como Córdoba, Huelva e outras, que dum extremo ao outro e numa profundidade de centenas e centenas de metros oferecem um bloco gigantesco de preciosos tesouros. Mas apenas cinco por cento destas riquezas inextinguíveis são úteis à humanidade. Além disso as linhas ondulantes dos rios representam uma poderosa força a aproveitar para a inergir electrica.

Todos os elementos se unem, para que o país pudesse ter um próspero desenvolvimento industrial. A pesar-disso é uma terra com uma industria atrasadíssima. Os seus meios de produção mecânica estão ainda no estado mais primitivo. Eles são irrisórios comparados com a perfeição crescente dos processos de trabalho doutros países.

No que se refere aos meios de transporte são as condições ainda piores. Numa extensão de mais de meio milhão de quilómetros quadrados possui a Espanha uma rede ferroviária de 1.500 quilómetros apenas.

Em vez de a construir, praticam os poderes dominantes atrocidades sobre atrocidades para levarem a felicidade às infelizes populações da litoral de Africa, explorando-as por meio da sua pernicioso civilização capitalista. Com aquella inconsciência e atraso incrível, que demonstra a sua estupidez, vendem, por exemplo, os nossos capitalistas o cobre das suas minas, que depois compram outra vez a outros países já estrangeiro, e precisam comprá-lo de novo preparado, para a fabricação de ferramentas e máquinas industriais. Não para máquinas e utensílios próprios para a agricultura, pois que em todo o território da Espanha se utilizam ainda instrumentos primitivos, como no tempo dos romanos.

Esta burguesia — de que um dos seus representantes se lamentou um dia de a Espanha não ter nenhuma mina de aço — esta burguesia sofre grandes faltas de dinheiro, a pesar-de ter debaixo dos pés e diante do nariz o meio de acalmar a sua ambição cínica. Tomados absolutos pela sua eterna sede de domínio absoluto, eles põem todas as suas aspirações, anelos e esperanças no regresso do feudalismo aristocrático. A submissão dos trabalhadores sob o regime do «caceté» é o único ideal há lá muito tempo.

Já em Barcelona se travava uma luta: «O conflito da Canadiense». Esta luta constitui uma página honrosa de história do proletariado. Deu-lhe origem, uma revolta na qual alguns trabalhadores caíram como mártires. Não foi nenhuma greve geral preparada cuidadosamente, mas um levantamento espontâneo, —manifestação dum forte vontade. Na manhã seguinte apresentaram as organizações às autoridades o seguinte ultimatum:

«Se dentro de 48 horas as reclamações dos trabalhadores não são reconhecidas, paralisará inteiramente a vida económica de Barcelona».

Terminado este prazo ficou Barcelona desprovida da condução e do fornecimento de todos os meios de vida: Não funcionaram nem os meios de transporte, nem os correios. As mercadorias, que chegaram ao porto, acumularam-se em montes.

O poder militar devia pôr fim a esta situação alarmante, devia restabelecer a ordem e o sossego, e dar um significativo exemplo. Para levantamento dos direitos constitucionais foi proclamado o estado de sitio. O sindicato da industria dos gráficos publicou imediatamente uma folha volante, mas o governador geral proibiu a imprensa, de publicar o altamente apelo. Porisso foram colocados sem excepção sob a censura do sindicatos dos gráficos todos os jornais da cidade, não ficando portanto permitida a publicação de todas as proclamações da

po, desta burguesia, que precisa colocar de novo em piedoso contentamento toda a industria e o movimento operário da Espanha, quando a guerra reventou. Durante o seu decurso a Espanha, que até então tinha vivido na dependência económica doutros países tornou-se quasi instantaneamente num país exportador.

Com esta mudança radical na vida da produção, na Espanha surgiu ao mesmo tempo uma animação rápida da industria. Os pobres trabalhadores espanhóis habitualmente tão despretados foram rapidamente procurados e contratados.

Surgiram, então, numa verdadeira febre, empresas, activando sob a embriaguez dos lucros, motivados pelos industriais de guerra. A classe operária, por seu lado, procedendo conscientemente do mesmo modo, exigindo salários mais elevados, e apresentando as suas condições. Em breve começaram as lutas com mais ou menos amplitude. Tanto na preparação dos movimentos como nas próprias lutas, desenvolveram os sindicalistas e os anarquistas uma actividade que até então nunca tinha existido na Espanha. Especialmente na acção do movimento operário espanhol — a Catalunha — levantou a acção sindicalista altas vassas.

Durante uma só noite realizaram-se em Barcelona, quarenta assembleias de propaganda, que foram todas extraordinariamente concorridas. As organizações cresceram ininterruptamente, e subiam em pouco tempo a um numero considerável. Quasi todos os dias reventavam sensacionais manifestações revolucionárias. Cada vez ganhavam as massas maior consciência sobre a plenitude do seu poder. A sua coragem para a offensiva crescia.

Oradores, que diariamente lhes falavam de muitas tribunas, não se limitavam aos argumentos referentes ao salário, mas alongavam-se com notável firmeza e desassombro sobre a conquista do poder económico pelo proletariado. Esta propaganda oral diária criou apenas em dois anos uma situação que nos parecia já ouvir cantar a «ave da tempestade» da próxima revolução.

As organizações revolucionárias reconheciam que a hora era propicia, e procuravam tirar proveito das suas forças.

Elas uniram-se — esta tactica pareceu necessária — com os reformistas, que naquelles dias se mostravam, por razoes, que não podiam expor, dispostos a marchar de mão dada com o movimento revolucionário.

Surgiu, então, em 1917 a tentativa de conquista do poder, que faliu, graças à inaudita covardia de elementos preponderantes. Quando aquele impulso foi aniquilado, principiou uma repressão terrível contra as organizações operárias e seus membros. Esta repressão transformou-se num martirio contra o espirito revolucionário, que se tinha apossado das massas. Isto foi o principio dum offensiva planeada anteriormente, e de que o golpe de estado de 13 de Setembro de 1923 constituiu a última «etapa». Recorrendo-se aos meios menos escrupulosos, julgou-se poder aniquilar-se as organizações operárias. A consequência immediata desta absurda resolução, foi a formação de «associações secretas», que se propagaram rapidamente por todo o país. Colocados fora da lei, surgiram do «e o da massa trabalhadora, aqueles actos de vingança individual, como indiscutível prova, de que a resistência subterrânea ao poder dominante era mais perigosa do que se desenrolasse a luta de classes à luz da publicidade.

As inconscientes medidas dos homens de governo, a sua brutal força politica e cruéis métodos de repressão fizeram surgir simplesmente actos e sentimentos de raiva, que até então tinham aparecido raras vezes e desordenadamente. As consequências de esta violência mltiua, que mantinha constantemente a população no odio, eram as seguintes: A opressão de cima redobrou a reacção dos de baixo. As ideias revolucionárias tinham feito uma leve entrada no espirito do povo no tempo da legalidade, mas estas ideias transformaram-se sob a pressão da força brutal na cabeça das massas em dogmas sagrados, e tornaram-se patrimonio de todos os produtores activos. Durante este tempo — desde aquela tentativa revolucionária do ano de 1917 até setembro de 1923 — está a Espanha sob o poder ditatorial do militarismo.

No decurso do ano de 1923, relativamente tranquilo reforçaram, de novo, as suas filas as organizações revolucionárias em regime constitucional.

Manifestaram-se, outra vez, as pequenas lutas e os pequenos conflitos sob os olhos da justiça burguesa.

A burguesia cega, como sempre foi, e será, não vê, e não ouve, que a consciência de classe e a dignidade das massas trabalhadoras as preparam para novos movimentos, cujo peso se fará sentir mais fortemente do que no passado.

Já em Barcelona se travava uma luta: «O conflito da Canadiense». Esta luta constitui uma página honrosa de história do proletariado. Deu-lhe origem, uma revolta na qual alguns trabalhadores caíram como mártires. Não foi nenhuma greve geral preparada cuidadosamente, mas um levantamento espontâneo, —manifestação dum forte vontade. Na manhã seguinte apresentaram as organizações às autoridades o seguinte ultimatum:

«Se dentro de 48 horas as reclamações dos trabalhadores não são reconhecidas, paralisará inteiramente a vida económica de Barcelona».

Terminado este prazo ficou Barcelona desprovida da condução e do fornecimento de todos os meios de vida: Não funcionaram nem os meios de transporte, nem os correios. As mercadorias, que chegaram ao porto, acumularam-se em montes.

O poder militar devia pôr fim a esta situação alarmante, devia restabelecer a ordem e o sossego, e dar um significativo exemplo. Para levantamento dos direitos constitucionais foi proclamado o estado de sitio. O sindicato da industria dos gráficos publicou imediatamente uma folha volante, mas o governador geral proibiu a imprensa, de publicar o altamente apelo. Porisso foram colocados sem excepção sob a censura do sindicatos dos gráficos todos os jornais da cidade, não ficando portanto permitida a publicação de todas as proclamações da

A 'Batalha' na provincia e arredores

Cova da Piedade

Em vez de pão e luz, festas

COVA DA PIEDADE 31.—Decorreram, com afrontoso brilho, as festas tradicionais. Durante três dias houve estardalhaço e luz a jorros, mas, findos eles tudo ficou imerso em escuridão, para que mais a vontade os empreiteiros das festas possam tirar ao peso e à qualidade dos vivers a satisfação para a sua ganancia. O povo na sua inconsciência, ainda vai atrás da musica e foguetes, esquecendo por momentos a crise que o está asseoberbando, a escassez dos salários e na má qualidade do pão que lhe impingem.

Oxalá o povo daqui abra os olhos e se aperceba que as festas tradicionais só servem para o manter na tradicional servidão, e se organize fortemente para a defesa dos seus interesses, conquistando luz para sempre, pão bom para todos e melhores condições de trabalho, mandando ao diabo os que engendram as festas para melhor o explorarem.

Portimão

Indiferentismo criminoso!

PORTIMÃO, 31.—A convite da U. S. O. de Portimão devia realizar-se ontem, no cinematógrafo desta localidade, um comício publico para protestar contra a assustadora crise de trabalho nesta cidade. Enganaram-se os militantes da organização operária de Portimão quando pensaram que todos aqueles que se encontram a braços com a fome compareceriam em massa.

A grande crise de trabalho, que há muito se vem fazendo sentir em todas as indústrias, faz com que muitos operários se vejam reduzidos à mais atroza das misérias, se bem que pelo seu indiferentismo criminoso aparentem aos nossos inimigos viverem com grande abundancia, pois que, não compreendendo, às reuniões e comícios para se defenderem dum situação das mais graves, que se tem dado em Portimão, dão motivo para que se diga que o povo trabalhador o que quer é musica e foguetório.

E assim parece ser porque, havendo o mesmo dia uma festa religiosa em Carvoeiro, milhares de operários se dirigiram para aquela localidade para se entregarem ao «bródiro», desprezando assim os seus irmãos, esperando talvez que a «santi milagrosa de Carvoeiro» venha resolver a crise de trabalho. E caso para se dizer a este povo ignorante: fia-te na virgem e não corras e verás o trambolhão que apanhas.

Teve razão a «dignissima» Câmara Municipal desde conceção porque, interpretando o sentir da massa trabalhadora, mandou fazer um coreto, que devia ter custado mais de cem contos, segundo nos informou criatura autorizada, quando afinal ruas há que estão vergonhosas, porque não havendo colector geral os habitantes se vêm na necessidade de fazerem parte dos despejos para a via publica, tornando-as assim infectas e intrasitáveis. Isto não falando já nas estradas que dão acesso para Alvor e Mexilhoeira Grande.

Mas como no dizer de toda a gente o que o povo quer é foguetório e musica, muito bem faz a «ilustre» vereação dando-lhe, antes de tudo que é necessaria, que é trabalho, musica e foguetes, pois os sem-trabalho não precisam doutra coisa para se distraírem das grandes barrigadas de fome que passam. E continuaram passando até compreenderem que andam por caminho errado.

Elvas

A escravidão branca

ELVAS, 29.—Explora nesta cidade, entre outros ramos de negócio, o de salchicharia e frutas de conserva em açúcar, a firma Palma & Moura, para a qual o pessoal é um rebanho de escravos.

As desgraçadas mulheres que actualmente trabalham na preparação de frutos começam a dar o seu esforço ao romper do dia e só saem para suas casas à 1 ou às 2 horas da madrugada com um ordenado meos que suficiente para tomarem uma refeição durante o dia.

A tornar mais penosa a sua situação não lhes faltam indecentes insultos do régulo Francisco Jorge da Palma, ex-carpinteiro e ex-mercetario, que não se fixou em nenhuma destas profissões porque lhe não davam os lucros suficientes a satisfazer a sua ganancia desmedida.—E.

Aguins

O mau estar dos operários

As prisões de Olhão

AGUINS, 31.—O operariado está lutando, em toda a região da Bairrada, com enormes dificuldades, auferindo mesquinhos salários de 7300.

Nota-se nesta localidade a falta de uma associação de classe.

Causou geral indignação em toda a região da Bairrada o procedimento da policia contra os operários olhanenses.—E.

Teatro Apolo

Empresa Luis Ruas, Limit.ª

HOJE, 2

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bauchi.—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores etc. etc. devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5\$30, pelo cor. 5\$50. Não anda nas librerias.—Pedidos a: Biblioteca Ranscan; 1, de J. Cardoso, r. Polais de S. Bento, 27-29—Lisboa

autoridade militarista. E foi de balde, que os ditadores ameaçaram com duros castigos os jornais: Eles preferiram, antes nada publicar, do que ir contra as resoluções das organizações operárias. A situação tornava-se cada vez mais critica. Nem aqui, nem em nenhum movimento nas ruas. Então foram militarizados os operários dos serviços públicos. Tudo inutilmente!

Depois de trinta e seis horas negavam-se os trabalhadores militarizados a fazer mais serviços. Mais de mil e oitocentos destes bravos foram conduzidos em triunfo, triste e acabrunhada recordação.

Esperando graves acontecimentos do estado de sitio, os soldados nem o serviço cumpriram, podendo até ausentar-se, por falta de disciplina, não se temendo ninguém, o governo resolveu-se a entrar em negociações com a «Canadiense».

O conflito agravava-se de hora para hora. Na sua impotência procurou o governo tomar compromissos com os sindicatos. Contudo os sindicatos recusaram-se a entrar em quaisquer negociações, até que fosse levantado o estado de sitio.

E o governo cedeu.

(Continua)

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No São Luís

A 2.ª festa do Fado

Não decorreu tranqüila a 2.ª festa do fado, realizada no teatro São Luís após o torneio de



Organização Social Sindicalista

(Estudo da Comissão Revisora de Teses para ser discutido
no Congresso Confederal)

Presados camaradas:

Nomeados pelo Conselho Confederal para, em harmonia com as decisões do Congresso da Covilhã, procedermos ao estudo das teses apresentadas ao referido congresso, as quais tratam da remodelação da organização sindicalista, esforçamo-nos tanto quanto possível por respeitar, no desempenho da nossa missão, as indicações da magna assembleia, bem como o conteúdo das teses.

Ardua missão nos foi imposta, dada a variedade de opiniões que, sobre a organização de sindicatos e demais organismos sindicais constantemente se emitem, e ainda por se tratar de três teses, o que torna de certo modo melindroso o nosso trabalho. Achemos conveniente salientar que o aludido congresso aprovou o preâmbulo da tese «Organização Social Sindicalista», fazendo baixar à comissão de estudo a parte que diz respeito à estrutura da organização sindical. Sobre as restantes: «Remodelação da Estrutura Sindical e Confederal» e «Sindicatos de Indústria», não se pronunciou o congresso, por não lhe ter sido possível.

Estas teses concordam plenamente com a necessidade de ser remodelada a organização sindical, porém, no que se refere ao modo como tal remodelação deve ser feita e que cada uma estabelece um critério. Assim, enquanto a tese O. S. S. propõe uma nova estrutura geral, baseada objectivamente nas necessidades humanas e partindo do local do trabalho; as outras duas e sobretudo a que trata da «Remodelação Sindical e Confederal», pretende a organização baseada nas profissões sobre a matéria

prima que se trabalhe, muito embora em ambas se reconheça que nem sempre o sistema proposto é exequível.

Contudo, visto que em todos estes documentos se reconhece, mais ou menos abertamente, que a organização sindical deve partir do local do trabalho, e a comissão encarregada do seu estudo teve em vista fundir num só documento tudo que considerou naquelas condições.

Este documento, que engloba quasi tudo o que continha a tese O. S. S., entende esta comissão que, junto ao preâmbulo desta tese já aprovado no Congresso da Covilhã, deve constituir a *Carta Orgânica da Organização Social Sindicalista* — carta que de orante servirá de base à constituição dos organismos sindicais, que os futuros congressos não deverei e fixar conforme as conveniências da época.

Foi sempre desejo da comissão concluir este trabalho o mais rapidamente possível, porém, os afazeres dos seus componentes e os imprevistos de cada instante contrariaram as nossas intenções. Mas se tivermos conseguido realizar obra que não seja de todo improficua, já nos consideramos satisfeitos.

Lisboa, Setembro de 1925.

A comissão de estudo: Francisco Viana, Carlos Maria Coelho, Joaquim de Sousa, Manuel de Figueiredo, Manuel da Silva Campos.

Organização social sindicalista

A) Agregados sociais, naturais ou sindicais — sua classificação:

1.ª A organização sindicalista tem como unidade orgânica o Sindicato Profissional (de ofício ou de indústria).

Abaixo do Sindicato há como sub-múltiplos: a) as secções profissionais, os conselhos sindicais de fábrica; c) os conselhos sindicais de oficina; d) as secções dos sindicatos de indústria.

Acima do Sindicato há como múltiplos: a) as Federações sindicais de indústria; b) as Unões Sindicais; c) a Confederação Geral do Trabalho; d) a Internacional Sindicalista.

II — Em vez dos Sindicatos Profissionais, quando as condições aconselharem, podem criar-se sindicatos mistos.

Como variedade das Federações, quanto a certas profissões de carácter especial, pode haver sindicatos regionais ou nacionais, isto é, abrangendo os trabalhadores de uma das tais profissões numa região, ou em todo o país.

III — A todos os agregados cumpre respeitar os princípios do sindicalismo revolucionário e prosseguir os seus fins e meios de acção.

B) — Agregado social profissional ou sindicalista.

IV — O sindicato é o agregado natural constituído pela livre associação de todos os indivíduos que exercem o mesmo mister, ofício ou indústria.

Subjectivamente, a sua base é a profissão, manifestação espontânea e aproveitamento científico das aptidões individuais. Objectivamente, a sua base está nas necessidades humanas, que criam agregados de produtores de utilidades — sindicatos, capazes de satisfazer. Esses produtores são os profissionais de uma indústria, ofício ou mister. Há ou deve haver, por conseguinte, tantos sindicatos quantas são as indústrias, profissões ou ofícios exercidos numa localidade.

V — Os sindicatos funcionam pelas assembleias gerais dos profissionais do mesmo ofício ou indústria que estejam associados; e as suas deliberações e funções orgânicas são executadas pelas comissões para isso escolhidas.

VI — Aos sindicatos cumpre especialmente:

a) Promover a defesa dos interesses materiais, morais e corporativos dos seus associados e assumir no decorrer da evolução da humanidade, conforme a previsão sociológica, a função de órgão propulsor, gestor e coordenador da produção de uma categoria determinada de utilidades;

b) Orientar os operários sindicados nas suas aspirações e processos de luta e coordenar os seus movimentos económicos e sociais, prestar o seu apoio moral e material aos trabalhadores da profissão, e acôrdo com as respectivas Federações e União e com a C. G. T.

c) Tomar a direcção dos movimentos respeitantes à profissão, ofício e indústria local, ou por solidariedade, a outras profissões, ofícios ou indústrias, por acôrdo prévio com elas, com a União Local, com as respectivas Federações de indústria e com a C. G. T.

d) Promover assiduamente a propagação a favor da prática associativa e da luta de classes;

e) Incitar uma propaganda educativa e de morigeração dos costumes, a fim de desenvolver a solidariedade entre os trabalhadores e todos os órgãos e organismos sindicais;

f) Dar informações e parecer acerca das questões sindicais e económicas, artísticas, científicas, morais, jurídicas e políticas que possam interessar os trabalhadores;

g) Promover a constituição e organização entre os associados, de tantas secções profissionais ou industriais, quantas forem as profissões ou indústrias que compõem a indústria que o sindicato por sua vez representa;

h) Promover igualmente a constituição entre os associados, de tantos conselhos de fábrica ou oficina quantos forem as existentes na sua área;

i) Aconselhar, guiar e instruir essas secções e esses conselhos, servindo-lhes de órgão coordenador, e fiscalizar as suas comissões;

j) Constituir um conselho de delegados

das secções e dos conselhos de fábrica ou oficina subdividindo-o em duas comissões

a) Comissão técnica, composta pelos delegados das secções profissionais ou industriais; a comissão de melhoramentos, composta pelos delegados de conselhos de fábrica ou oficina — que reunirão periódica e administrativamente do Sindicato;

b) Estabelecer relações inter-sindicais, das secções industriais com os Sindicatos das indústrias afins;

c) Filiar-se na respectiva União local e Federação de indústria, e, não as havendo, promover a sua criação e organização;

d) Concentrar e reunir todos os estudos, trabalhos, relatórios, informações, quadros esquemáticos, gráficos, estatísticas, etc. da respectiva profissão.

VII — O sindicato misto é um agregado formado por profissionais de ofícios ou indústrias diferentes, quando o número de profissionais de uma mesma indústria ou ofício numa localidade não é suficiente para formar um sindicato profissional autónomo.

VIII — O sindicato misto pode também ser um agrupamento sindical de natureza transitória, formado por indivíduos que, animados pelo ideal sindicalista, exercem profissões ou indústrias úteis ou que podem tornar-se úteis e que ainda não estão sindicalizadas, isto é, dentro da Organização Social Sindicalista.

IX — O sindicato de indústria promoverá, quando as circunstâncias assim o aconselharem, a constituição e organização, por freguesias, bairros ou outras áreas, de secções de sindicato. Estas secções funcionarão como delegações do respectivo sindicato ou união, conforme os casos.

X — Secção profissional e conselhos de fábrica e comités de oficina.

XI — A secção profissional e o Conselho Sindical de fábrica são filiais do Sindicato da respectiva indústria e o conselho de fábrica onde as circunstâncias sejam favoráveis, constitui sempre tantos comités de oficina quantos são as oficinas dessa fábrica.

XI — As secções profissionais ou industriais, constituem-se com os operários das profissões constitutivas da indústria que o Sindicato representa e é sua missão:

a) Manter activas e directas relações com as oficinas a-fim de conhecer a capacidade técnica dos operários criando em cada um a consciência da responsabilidade na obra que realiza, e a vontade de aperfeiçoamento técnico-científico.

b) Promover e defender a criação de institutos técnicos, visitas de estudo e exposições, reunir e coleccionar todos os documentos referentes à profissão em todas as épocas, e elaborar estatísticas da produção salientando o sistema e modo de produzir.

c) Os conselhos de fábrica são constituídos, em regra, pelas assembleias gerais dos delegados dos comités da oficina da respectiva fábrica, e as suas deliberações e funções são executadas pelas suas comissões.

XIII — A estes conselhos cumpre especialmente:

a) Estar em constantes e sempre activas e directas relações com os conselhos de oficina, a-fim de manter uma ansiedade pela sua e alheia melhoria social, uma propaganda intensa e uma consciente e efectiva solidariedade entre o pessoal das diversas oficinas e todos os trabalhadores;

b) Criar em cada oficina a consciência da sua respectiva função e da sua cota parte na obra comum e total realizada ou a realizar dentro da fábrica;

c) Estudar e tomar conhecimento das relações e funções da respectiva fábrica com as demais fábricas congêneres, e bem assim de todas as condições e necessidades a que convém atender para o funcionamento, laboração e desenvolvimento técnico da respectiva fábrica, a-fim de que nela trabalhem adquiram a indispensável educação e capacidade técnica, económica e administrativa e alcancem, consequentemente e com êxito, a posse da gestão directa de todos os serviços fabris e técnicos.

(Continua.)

Os ferroviários de Faro

manifestam calorosamente o seu apoio às reclamações do Sindicato

FARO, 31. — Sob a presidência de João Cavalheiro secretário do Francisco José e António Alves Afonso, reuniu a delegação ferroviária desta cidade para apreciar as demarches junto do ministro do Comércio acerca das reclamações apresentadas pelo Sindicato Ferroviário.

Usa em primeiro lugar da palavra Alfredo Pinto que em nome do Sindicato Ferroviário, expõe as demarches feitas sobre as que superintendem nos caminhos de ferro, esperando que delas algo de proveitoso resulte em benefício da classe.

Mostra-se satisfeito pelo facto de nas assembleias realizadas ao longo da linha os ferroviários terem comparecido em massa. Analisa a precária situação em que a classe se encontra, demonstrando que as reclamações por ela apresentadas não podem ser consideradas excessivas.

Cita o facto de um troço da linha terem baixado em 3 escudos os salários dos eventuais. Se a classe se mantiver apática nada conseguirá, arriscando-se até a ver-se ameaçada nas poucas regalias que possui. Termina aconselhando todos os ferroviários a prepararem-se para fazerem vingar as suas reclamações.

Mário Castelheiro saúda a assembleia em nome do organismo que representa: a Federação Ferroviária.

Faz sentir que uma parte dos sofrimentos das classes trabalhadoras se deve a elas próprias, pois a miude se esquecem de dar todo o seu esforço às lutas que hão-de realizar a sua emancipação.

Expõe largamente o valor e a acção do sindicato classificando-o do mais forte baluarte das reivindicações operárias. Todas as regalias que a classe operária possui são graças a este sindicato. Consta que quasi todas as classes só acorrem aos seus sindicatos quando se trata de reclamações de carácter imediato, fazendo salientar os inconvenientes que resultam desse grave erro.

Termina declarando que a Federação Ferroviária está ao lado dos ferroviários do Sul e Sueste, perfolhando as suas justissimas reclamações e estando na disposição de lhe prestar todo o auxílio.

Manuel Joaquim de Sousa declara que o organismo que representa na C. G. T. tem sempre estado ao lado de todas as classes trabalhadoras, acompanhando-as em todas as lutas que elas realizam para a conquista de dias melhores.

Analisa largamente a situação em que se encontram as classes operárias, mormente a dos ferroviários que atravessam economicamente um momento bastante crítico. As reclamações que ela formula são justissimas tendo os dirigentes do caminho de ferro o dever indeclinável de as aceitar.

Espera que os ferroviários do Sul e Sueste saibam pela sua solidariedade e pela sua coesão conquistar as reclamações a que têm incontestável direito.

Em seguida foi lida a seguinte moção que foi aprovada por unanimidade: «Considerando que o pessoal ferroviário do Sul e Sueste vem de há muito reclamando a melhoria da sua situação económica, sem que seja atendido;

Considerando que em face da atitude dos dirigentes do caminho de ferro a classe tem o dever de estreitar os laços ferroviários que a têm sabido impôr, em muitas circunstâncias, à consideração de todos;

Os ferroviários do Sul e Sueste reunidos ao longo das linhas resolvem:

1.ª Protestarem contra a atitude assumida para com a classe por aqueles que tinham o dever de atender as suas reclamações.

2.ª Dar todo o apoio ao sindicato ferroviário e a esta comissão de melhoramentos para que esta faça vingar as suas reclamações.

Em seguida foi dada posse à comissão nova administrativa da delegação que ficou constituída deste modo:

Secretário administrativo, José Marques Guita; secretário adjunto, Domingos Eusébio; tesoureiro, Ventura da Silva Júnior; secretário bibliotecário, José Canigo; vogais,

INTERESSES DE CLASSE

Construção Civil do Barreiro — A desorganização do seu sindicato

A classe da Construção Civil do Barreiro encontra-se completamente desorganizada.

Durante os últimos anos tenho-me esforçado, no que as minhas forças e fraca inteligência me permitem, para que ela se collocasse numa situação moral, material e revolucionária, que pudesse corresponder às tradições da classe da Construção Civil da região portuguesa sem que tal conseguisse, devido à maldade de alguns, conveniências douts e inconsciência da maioria, que parece quererem dar razão a aqueles que dizem que com um copo de vinho se acabava com a associação.

No princípio de Maio p. p. dei-me de pertencer àquella classe, por ter ido trabalhar para os Caminhos de Ferro (oficinas gerais) tendo continuado como sócio até agora na respectiva associação, esperando que a direcção convocasse uma assembleia para tratar dos vários assuntos que interessam à classe, e onde exporia a minha situação para com a mesma, pois com as responsabilidades que adquiri dentro dela, devido à minha fraca mas desinteressada acção, entendo que não devia sair sem procurar dar conta dos meus actos.

Como não tem sido até à data convocada nenhuma assembleia, e eu não quero continuar sendo sócio de dois sindicatos, o que considero uma situação falsa, resolvi deixar registado em A Batalha, para que a classe da Construção Civil conheça a história resumida da vida da Associação de Classe Construção Civil do Barreiro e quais os motivos e pessoas, que têm contribuído para o estado actual da dita associação, o que farei noutros artigos (se assim se lhes puder chamar) certos de que não pouparei amigos ou inimigos, mas procurarei estabelecer a verdade nesta hora de confusão em que pretendem lançar a Organização Operária, desviando-a do seu verdadeiro campo.

Barreiro, 27-8-925.

Alvaro ROSA
(Carpinteiro Sindical na Associação do S. C. C. do Barreiro e Sindicato Ferroviário do S. S.)

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, conteúdo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$000.

Encadernação (por capas e índice), 20\$000.

Capas e índice em separado, 1\$500. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Secção Telegráfica

Federações

DO LIVRO E DO JORNAL

Liga das Artes Gráficas de Santa-rém — Respondam com urgência ao nosso ofício de 22 de agosto.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço \$50.

Manuel de Sousa Bento e José Fernandes Cavalheiro.

Delegado em Tunes: José Gonçalves Elias.

Congresso Confederal

Comissão Organizadora do Congresso

Volto anteontem a reunir-se a Comissão Organizadora do Congresso Confederal.

Apreciei o expediente que constava dos seguintes ofícios dando a adesão ao Congresso:

Federação Mobiliária, União dos Sindicatos Operários do Porto, Sindicato dos Operários Manipuladores de Calçado de Lisboa, Associação de Classe dos Operários Encadernadores e Anexos de Lisboa, Associação dos Descarregadores do Mar e Terra da Vila do Carregado, Associação de Classe dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Silves, Associação de Classe dos Corticeiros de Lisboa, Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeção, Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais do Souzêl, Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Vendas Novas, Sindicato da Construção Civil de Oeiras, Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra de Azambuja, Sindicato dos Operários da Indústria Mineira de S. Domingos, Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Borba, Associação dos Trabalhadores Rurais de Seda.

Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Graça de Divo, Associação dos Trabalhadores Rurais de Évora, Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Vendas Novas, Sindicato da Classe Rural de Ceral do Alentejo, Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Sines, Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Sáfara, Sindicato Unico dos Operários da Indústria de Vidraça da Marinha Grande, Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Castelo Branco, Sindicato Unico dos Operários Chapeleiros de Braga.

Constatou a mesma comissão a animação que lava entre os trabalhadores pela realização do Congresso, como o provam adesões até à data recebidas. Terminando no próximo dia 15 o prazo marcado para o envio de adesões, chama a referida comissão a atenção de todos os organismos que ainda não comunicaram a sua adesão o façam o mais urgentemente possível, assim como a indicação dos nomes dos delegados.

Todos os sindicatos deverão fazer o máximo de propaganda entre as respectivas classes, para que as mesmas apreciem o valor do Congresso.

A comissão recebeu dum Sindicato a adesão e a respectiva importância, mas como lhe foram devidas as circulares, que ela tinha enviado, com a indicação de que era delegado o camarada Francisco Romão, sem qualquer outra indicação, desconhece esta comissão de que sindicato se trata, pedindo para que o referido organismo nos comunique a que classe pertence, isto é, a sua localidade.

Rurais de Ervedal

Para apreciar a conveniência de se fazer representar nos próximos Congressos Rural e Confederal, realizou-se, com regular assistência, uma sessão em que a C. G. T. se fez representar por Artur Aleixo de Oliveira.

Da classe, vários foram os elementos que defenderam a representação nos Congressos, falando também o delegado da C. G. T. que dissertou sobre o valor das teses que serão debatidas, demonstrando que a melhor prova de vitalidade dos rurais de Ervedal seria não apenas a adesão aos Congressos, mas, especialmente, o envio de delegados que ali representem o sentir da sua classe, muito embora para o custeio das despesas tenham que fazer um pequeno sacrifício.

A assembleia resolveu que a comissão administrativa convoque para muito breve uma nova sessão, onde definitivamente o assunto será tratado, devendo, neste período de tempo, envidar esforços para conseguir os fundos necessários à ida dos delegados.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retoneiros, 12 — LISBOA.

A greve dos empregados bancários franceses

A greve dos empregados bancários franceses que dura há mais dum mês parece querer eternizar-se.

Segundo as estatísticas de maior confiança, dois terços do pessoal dos estabelecimentos parisienses de crédito não trabalham: 23.000 pessoas pelo menos. Agora, juntamente mais alguns milhares daqueles que estão em greve na província.

Desta forma, vemos um verdadeiro exército de trabalhadores reduzido à miséria, forçados, sob todos os pontos de vista, a abandonar o seu trabalho.

Tivemos que escolher entre uma miséria cada vez maior e um estorço de luta que se tornava indispensável. Quem ousará afirmar que eles não têm razão? Quem poderá censurá-los, por, durante este longo período, em que bastantes vezes eles deviam ter perdido a paciência, terem tido alguns gestos de cólera, e umas pequenas ameaças de violência?

Os próprios conservadores franceses, aos olhos dos quais a greve é um delito, não poderão ter a coragem de os acusar de terem levado o debate para o terreno político.

As simpatias gerais estão ao lado deles e se se consultasse a França por referendunum os grevistas obteriam uma imensa maioria de sufrágios.

E' que eles defendem uma das causas mais sagradas: o direito que todo o trabalhador tem de viver do produto do seu trabalho.

Segundo relatam os jornais franceses basta ver os agrupamentos que se formam em frente dos «affiches» dos grevistas para se conhecer logo de que lado está a opinião pública.

De há muitos anos para cá, diz o Quotidien, ainda não houve uma greve tão popular.

E contra quem lutam eles? Contra esses enormes estabelecimentos que ocupam poderosos contingentes de operários, realizando lucros fabulosos.

Os chefes destes estabelecimentos que, certamente, não desejam de maneira nenhuma qualquer fiscalização pública nas suas operações, a maior parte deles sem mérito algum, devem os seus logares às relações, à família, às solidariedades de interesse.

Para eles é muito natural, moral e legítimo que o pessoal se veja na mais precária das situações.

E porque este pessoal protesta contra a sua sorte, apelidando-nos de revolucionários.

A situação pois resume-se no seguinte: contra uma plutocracia poderosíssima formada por algumas dezenas de pessoas, batalham milhares de homens apoiados pela massa de opinião.

Este combate não deixa de ter o seu simbolismo. Se a vitória não pertencer aos empregados, poderemos afirmar afoitamente que o progresso humano é uma «blague».

AS GREVES

A da Parceria dos Vapores

Lisbonenses

Aos Pintores da Construção Naval

O Sindicato dos Pintores da Construção Naval lembra aos seus filiados que devem continuar prestando a mesma solidariedade de aos seus camaradas Carpinteiros Navais em conflito com a Parceria dos Vapores Lisbonenses, até que o mesmo se resolva.

Lamenta este organismo que três pintores navais, e em especial José Guerra, não tenham cumprido os seus deveres de solidariedade.

Resolveu oficial à Secção dos Pintores do S. U. C. Civil para que nenhum dos seus consócios vá trabalhar para a Parceria, a fim de não prejudicar o referido movimento.

Os Pintores da Construção Naval, que trabalham na Parceria, devem reunir-se hoje, pelas 10 horas, na sede da sua associação, com um delegado dos Carpinteiros Navais. — A Direcção.

VIDA SINDICAL

C. G. T. Secção de Federações

Reuniu-se anteontem a secção com a presença dos delegados dos organismos seguintes: Federações: Metalúrgica, Rural, Ferroviária, Mobiliária, Construção Civil, Corticeira, Livro e Jornal, Vinícola, Couros e Peles e Comércio e Sindicatos Isolados: Mineiros de Aljustrel, Mineiros de S. Domingos e Têxteis da Covilhã.

Entrando imediatamente na ordem de trabalhos é apreciada a constituição da Federação Têxtil sendo lidos os ofícios do Sindicato Unico da Classe Têxtil do Porto e da delegação Confederal de Propaganda das Beiras, o primeiro pedindo a secção que elabore um trabalho a apresentar ao Congresso Têxtil e dar conhecimento do mesmo aos respectivos sindicatos com a necessária antecedência e alvirando que o Congresso seja iniciado antes do Congresso Confederal para assim a respectiva Federação se fazer representar no mesmo, o segundo dando conhecimento dos trabalhos de propaganda levados a efeito entre a organização têxtil na região do Centro para a constituição da Federação, e nomeou para elaborar os trabalhos referentes ao assunto Carlos Coelho, Joaquim de Sousa e Silva Campos, Artur Cardoso e Henrique Marques pelo secretariado da secção. Sobre o ofício da Associação de Classe dos Operários Alfaiates mostrando a necessidade de se constituir a Federação do Vestuário e pedindo que a C. G. T. dê o auxílio financeiro para se levar a efeito a respectiva propaganda, manifestaram-se quasi todos os delegados, mostrando-se de acôrdo com a sua formação e nomeou Almeida Marques para junto do respectivo sindicato tratar das possibilidades da sua constituição. Sobre a questão levantada no Conselho Confederal pela Federação Corticeira sobre o tráfego das cortiças Silvério dos Santos expõe a secção detalhada e minuciosamente o assunto em questão, mostrando a conveniência que há em que o tráfego de cortiças seja feito como até ao momento pelos serventes das respectivas fábricas e não pelos descarregadores do mar e terra; sobre o assunto falaram vários delegados pondo em evidência a delicadeza da questão a debater, sendo nomeados para estudar a sua solução Henrique Rijo, Almeida Marques, Silvério dos Santos, António Marcelino e Silva Campos.

Comité Confederal

Reúne-se hoje, às 21 horas.

Camara Sindical do Trabalho

Reúne-se hoje, às 21 horas.

Conselho de delegados

Reúne-se amanhã, quinta-feira, pelas 21 horas, o conselho, para continuação da seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Discussão da tese sobre câmaras e juntas sindicais a apresentar ao próximo congresso confederal, e dum documento sobre o mesmo assunto que foi apresentado pelos delegados dos alfaiates.

Nomeação de delegados ao referido congresso.

Preenchimento dos cargos vagos.

Conselho Geral

E' convocado a reunir-se amanhã pelas 21 horas com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Votação de tese sobre Câmaras Sindicais de Trabalho e Juntas Sindicais a levar ao 1.º Congresso Confederal.

2.ª Discussão duma proposta do Sindicato dos Alfaiates.

3.ª Nomeação de delegados ao Congresso Confederal.

4.ª Preenchimento de cargos vagos.

Comissão instaladora

Reúne-se hoje, pelas 21 horas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação Corticeira Nacional.

Conselho federal, pelas 13 horas, para assunto urgente.

Compositores Tipográficos. — Pelas 18 horas em assembleia geral extraordinária para apreciação da tese e nomeação dos